

Coletivo lança pesquisa sobre assédio sexual a jornalistas no trabalho

O Coletivo de Mulheres Jornalistas do Distrito Federal lançou uma pesquisa sobre assédio sexual no ambiente de trabalho. O levantamento é realizado através de documento online e, inicialmente, fica aberto à participação até o fim de fevereiro.

(Portal Imprensa, 30/01/2019 - acesse no site de origem)

“A pesquisa é com foco no Distrito Federal, mas é aberta a jornalistas de todos os lugares. Na tabulação serão separados os dados específicos do DF a serem entregues ao sindicato para que a entidade possa atuar junto às jornalistas. Mas é um levantamento mais amplo até porque, infelizmente, o assédio não é localizado. Essa é uma informação que serve para todos os sindicatos e entidades trabalharem depois com o objetivo tanto de conscientizar quanto de combater”, ressalta Renata Maffezoli, coordenadora do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF e integrante do Coletivo.

Uma publicação foi o ponto de partida da iniciativa. “Desde o fim de 2017, começamos a ter uma demanda forte por causa da publicação de um colunista no Correio Braziliense na qual transparecia muito a questão do assédio sexual nas redações. Isso despertou a categoria para o assunto”, diz Renata

Em novembro do ano passado, o Coletivo começou a mobilização: organizou debates virtuais e um presencial, na sede do Correio, que estabeleceu uma política específica sobre o assunto.

O movimento também lançou a campanha “Assédio sexual não faz parte do trabalho. Denuncie!”. Divulgada nas mídias sociais, seu objetivo, destaca a coordenadora, era sensibilizar a comunidade jornalística “sobre o que de fato é assédio, porque muitas vezes as pessoas assediam até sem perceber por ser tão naturalizado”.

Foram criadas várias peças com situações tanto no ambiente de trabalho quanto por parte de entrevistados. “Atos que acabam sendo naturalizados ou silenciados até por necessidade de sobrevivência no mercado de trabalho”, alerta a coordenadora.

O levantamento é a segunda etapa da campanha. Com base nas respostas obtidas, o Coletivo definirá o que será feito na próxima fase. “Queremos buscar formas de eliminar, ainda é um patamar distante, mas o objetivo é esse: eliminar essa prática do nosso espaço de trabalho”, completa Renata.

O resultado do levantamento deve ser divulgado em março, quando é celebrado o Dia Internacional das Mulheres.

Campanha #jornalistascontraoassedio lança vídeo pela igualdade e contra preconceito e assédio - SP, 08/03/2017

“Menos flores, mais respeito. 8 de março é todo dia”. Com esse mote, a campanha **#jornalistascontraoassedio** fará seu primeiro grande encontro no Dia Internacional da Mulher para o lançamento de mais um vídeo do movimento. O objetivo é mostrar o esforço diário de mulheres jornalistas pelo reconhecimento no mercado de trabalho e reforçar a luta contra o preconceito e o assédio.

“Estamos habituadas a associar o Dia da Mulher a presentes e palavras que duram o dia 8 de março, mas o dia a dia da profissão tem mostrado que a conscientização sobre igualdade de oportunidades, independente de gênero, precisa ser permanente. Nada mais simbólico, portanto, que ouvir mulheres jornalistas sobre o que elas querem dentro desse contexto tão mais amplo”, afirma Janaina Garcia, uma das fundadoras da campanha.

O lançamento será no bar Bebo Sim, na zona oeste de São Paulo. O vídeo tem a participação das jornalistas Tatiana Vasconcellos, Marina Rossi Fernandes, Tatiana Merlino e Cinthia Gomes, e da estagiária de jornalismo Beatriz Sanz.

O roteiro foi feito pela campanha, com produção da Terruá Filmes, edição de Pablo Soares e Paula Rodrigues, e apoio da Tawill Comunicação. Todos colaboraram voluntariamente. “Esse novo vídeo foi feito por jornalistas, mas não apenas para jornalistas. As questões abordadas estão presentes na rotina das mulheres em todos os ambientes profissionais. A disparidade salarial entre gêneros, por exemplo, ainda é um grande desafio: estima-se que mulheres recebam 25% a menos do que colegas homens em condições semelhantes de trabalho. Uma realidade distante de ser mudada. O respeito à maternidade e a compreensão de que isso não torna uma mulher menos competente e capaz é outro tema urgente a ser debatido. O Dia da Mulher é uma data emblemática para lembrarmos o longo caminho a ser percorrido em busca de direitos básicos e oportunidades iguais”, diz Thaís Nunes, uma das fundadoras da campanha.

No dia 8/03, a campanha também fará um tuitaço usando as hashtags **#menosfloresmaisrespeito** e **#jornalistascontraoassedio**

A luta é de todas e de todos!

Serviço:

Lançamento do segundo vídeo da campanha “Jornalistas contra o Assédio”

Data e horário: 08/03/2017, às 20h

Local: bar Bebo Sim - avenida Professor Alfonso Bovero, 1107

Sobre #jornalistascontraoassedio

A campanha **#jornalistascontraoassedio** foi lançada em junho de 2016, após a demissão de uma jornalista do portal IG que denunciou assédio sexual do cantor Biel, em São Paulo. Um grupo de jornalistas se formou e lançou um manifesto e um vídeo contra o assédio dentro e fora das

redações e das assessorias de imprensa.

A campanha começou com um post no Facebook, depois um grupo no Whatsapp, um grupo no Facebook e hoje tem uma Fanpage - <https://www.facebook.com/jornalistascontraoassedio> - com mais de 18.700 seguidores.

Mais informações:

Janaina Garcia - 11 98650-8077

Thaís Nunes - 11 95231-7394

[#jornalistascontraoassédio, mas pode ser: #maiseempatiaporfavor, por Janaina Garcia](#)

(Ponte, 30/06/2016) Em treze anos de redações, não foram poucas as vezes em que ouvi, geralmente de fonte institucional, sobre a importância de a vítima de algum crime não se calar e denunciar o autor. É a velha lição: você denuncia, o criminoso é julgado, punido (espera-se), e outros pensam duas vezes antes de agir de maneira semelhante.

Acho que foi a lembrança dessa associação um tanto óbvia, tantas vezes negligenciada - a política segue, impávida, nosso maior exemplo -, mas necessária, que me causou espanto, há pouco mais de uma semana, quando soube que aquela menina havia sido demitida. A menina em questão trabalhava no portal iG, e, dias antes, havia sido norte a tantas outras vítimas de assédio sexual ao expor o que ela, própria, sofrera durante o trabalho. Estagiária, 21 anos, ouviu do cantor Biel - em provas gravadas apresentadas à polícia - expressões com escalas distintas de vulgaridade: de "gostosinha" a "se eu te pego, te quebro no meio".

A vítima, quem diria, seria defenestrada pela própria empresa que assegurara suporte apenas duas semanas depois do assédio publicado render uns bons cliques ao portal. A mensagem desse tipo de atitude foi muito objetiva - como, ironicamente, o jornalismo nos exige já a partir do 'lead' do texto.

Mas é a própria profissão que nos pede, exatamente, a capacidade de nos colocar na pele do outro, ou de praticarmos a empatia. Que mais pode mover, por exemplo, o jornalista que se empenha em investigar a morte de uma criança de dez anos, por um agente do Estado, depois de ver a mãe desolada ao lado do corpo do filho?

No caso da jovem estagiária: e se eu tivesse exposto uma história tão escabrosa, a denunciado, me sujeitado a ter a vida especulada - ainda que tivesse optado pelo anonimato -, já que eu tinha apoio da empresa pela qual eu trabalhava? E se duas semanas depois eu tivesse de me virar sozinha para seguir adiante naquilo que pode se tornar um processo judicial contra uma personalidade atrás da qual existe uma gravadora de porte internacional?

Esse foi o estopim para a campanha #jornalistascontraoassédio, resultado espontâneo de conversas e mobilização com outras jornalistas a fim de que manifestássemos solidariedade

àquela colega. De alguma maneira, queríamos que ela soubesse que não estava sozinha. E de outra maneira, descobrimos que ela não estava, mesmo: começaram a se multiplicar, entre nós, relatos do presente e do passado sobre situações tão ou mais humilhantes que as expressões chulas usadas pelo jovem músico.

Assédio no trabalho, dentro e fora das redações, praticado por chefes, fontes, colegas de mesmo nível hierárquico. Assédio moral, assédio sexual. Assédio dentro e fora das assessorias de imprensa. Em um fim de semana, reunimos mais de 5 mil mulheres em um grupo no Facebook. Produzimos um vídeo de menos de dois minutos - graças ao apoio imprescindível do editor Pablo Soares - com alguns dos relatos voluntariamente disponibilizados e publicamos o material, juntamente com um manifesto, em [uma fanpage](#) que arregimentou cerca de 16 mil seguidores em uma semana, a "Jornalistas contra o assédio". Nesse período, quase 3 milhões de pessoas, com a página e com o vídeo, já foram alcançadas com a mensagem.

Tanta gente disposta a tocar nas próprias feridas ou a simplesmente pautar esse tipo de debate nos parece emblemático: por quanto tempo mais reportaríamos os casos de assédio em outras categorias profissionais sem lidar com o que está debaixo do nosso próprio nariz? O quanto ainda acharíamos comum a mulher se sentir receosa perante o 'galanteio' constrangedor da fonte como moeda de troca pela informação de interesse público? O quanto ainda acharíamos comum a colega ter medo de manifestar na empresa o desejo de ter filhos, já que homem não precisa amamentar por seis meses?

Infelizmente, o assunto é comum e é naturalizado nas redações e fora delas. Nossa campanha quer não só contribuir pela derrubada dessas concepções, como insistir que assédio tanto não pode ser comum, como não é normal. Você, homem, gostaria que sua filha, esposa ou mãe fossem assediadas no exercício da profissão (e não só!)? Você, mulher, vislumbra relações de trabalho efetivamente sadias e menos desiguais calando diante desse ranço espúrio de um machismo que tanto nos empobrece?

A causa está só no começo, ainda há muito a ser feito. Os relatos de assédio chegam diariamente, e agora o desafio é informar não mais para chocar e alertar, mas para prevenir, educar, conscientizar. Com mulheres e com homens engajados, e com as entidades que se afirmam representativas dos jornalistas fazendo valer o título que carregam - ou resignificando seus próprios conceitos, por que não?

A hashtag da nossa campanha desde o começo é #jornalistascontraoassédio, mas prefiro entendê-la como derivativo de algo tão caro e tão mais simples: #respeito.

Vamos juntas e juntos?

Acesse no site de origem: [#jornalistascontraoassédio, mas pode ser: #maisempatiaporfavor, por Janaina Garcia \(Ponte, 30/06/2016\)](#)

O machismo na redação dos jornais, em dez tuítes

(El País, 22/06/2016) Movimento 'Jornalistas contra o Assédio' expõe o machismo que mulheres sofrem no exercício da profissão

A demissão de uma repórter do portal IG pouco depois de ela ter feito uma denúncia de assédio contra o cantor Biel motivou a campanha "Jornalistas contra o Assédio", que relata as situações de machismo vividas no cotidiano de repórteres mulheres, redatoras e assessoras no exercício da profissão.

De acordo com matérias do próprio portal, Biel chamou a repórter, de 21 anos, de "gostosinha" em uma entrevista e disse que a "quebraria no meio" se eles mantivessem relações sexuais. Ela registrou queixa na Delegacia da Mulher contra ele e o IG prometeu que daria todo apoio à profissional. Mas ela foi dispensada menos de um mês depois de o caso ser denunciado.

Criada na última segunda-feira, a campanha lançou um vídeo com depoimentos de profissionais que já foram vítimas de investidas de cunho sexual e sofreram situações de assédio moral ou foram preteridas por colegas homens por conta do gênero.

Nesta quarta, um tuitaço com a hashtag #jornalistascontraoassédio reuniu mais algumas histórias. Veja algumas delas:

"Com esse decote vc vai longe" (não tinha decote) [#jornalistascontraoassédio](#)

— Julianna Granjeia (@judinanina) [22 de junho de 2016](#)

"Equiparei o teu salário ao 'dele'". "Ele" tocava UMA editoria, enquanto eu comandava CINCO. [#jornalistascontraoassédio](#)

— Lisiane Oliveira (@lisianeoliveira) [22 de junho de 2016](#)

"Posso te dar uma exclusiva se for boazinha?" [#jornalistascontraoassédio](#)

— Marília Ruiz (@mariliaruiz) [22 de junho de 2016](#)

"Podemos fazer a entrevista dentro do meu carro" [#jornalistascontraoassédio](#)

— Fernanda Lopes (@feernandalopes) [22 de junho de 2016](#)

Qdo eu trabalhava com política e frequentava eventos do tipo, passei a usar aliança falsa para ter um pco de paz. [#JornalistasContraOAssedio](#)

— Priscila Vanti (@PriscilaVanti) [22 de junho de 2016](#)

“Acho que homem aguenta mais o tranco de cobrir uma manifestação. É tudo pela sua segurança, entenda” [#jornalistascontraoassédio](#)

— Jana G (@janainagarcia) [22 de junho de 2016](#)

“Mulher no rádio tem que ter voz de cama. Tu tem voz de cama”
[#jornalistascontraoassedio](#)

— Geórgia Santos (@GeorgiapSantos) [22 de junho de 2016](#)

editor pediu pauta de “atleta” gostosa só porque a assessoria mandou foto dela sendo gostosa. a notícia? nenhuma. [#jornalistascontraoassédio](#)

— adribrum (@adribrum) [22 de junho de 2016](#)

Não dá para trabalhar em jornal e ser mãe; ou é mãe ou é repórter
[#jornalistascontraoassédio](#)

— Giovanna Balogh (@maesdepeito) [22 de junho de 2016](#)

“Mas tem mta mulher nesta redação. Precisamos contratar homens pra balancear”
[#JornalistasContraOAssédio](#)

— Unbreakable Nivia (@nivia_) [22 de junho de 2016](#)

Talita Bedinelli

Acesse no site de origem: [O machismo na redação dos jornais, em dez tuítes \(El País, 22/06/2016\)](#)

Fenaj e grupos feministas repudiam demissão de repórter do iG que denunciou assédio

(Portal Imprensa, 20/06/2016) A demissão na última sexta-feira (18/6) da repórter do iG, que sofreu assédio sexual do cantor MC Biel, foi recebida por muitas críticas de jornalistas e internautas. Apesar da repercussão do caso, nenhuma entidade de jornalismo havia se pronunciado sobre o tema publicamente.

IMPRESA tentou contato com o Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo (SJSP), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) para que pudessem se posicionar sobre o assunto.

No entanto, somente a Fenaj decidiu comentar o caso. Em nota enviada à reportagem, a entidade repudiou o assédio do cantor. “Mesmo que tenha se desculpado publicamente, dizendo que foi tudo uma brincadeira, o jovem cantor certamente sabe que brincadeiras não devem agredir nem assediar ninguém”. Porém, considera grave a demissão da repórter pelo iG. “ Em vez de defender e proteger sua profissional, a empresa a pune pela denúncia com a demissão. Essa é uma postura inadmissível, de quem culpa as vítimas de assédio e de violência sexual pela agressão sofrida”.

Fenaj ainda ressaltou que busca, junto com o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, mais informações sobre o caso. A entidades também se colocaram à disposição da jornalista.

A jornalista Nana Queiroz, diretora executiva da revista [AzMina](#), criticou duramente o veículo por desligar a repórter depois de prometer auxiliá-la no caso. “A decisão do IG não só é de extrema irresponsabilidade jornalística, já que a missão de todo veículo de respeito é proteger seus repórteres contra abusos, como de tremendo machismo. Até quando as direções de veículos de comunicação se posicionarão em favor dos mais fortes em detrimento dos verdadeiros inocentes?”.

O coletivo Think Olga também se posicionou sobre o assunto, ressaltando que a medida do iG fez com que criassem uma campanha sob a hashtag #ViolênciaEmDobro. “O assédio sexual é uma violência em dobro. Acontece quando a mulher sofre e se repete quando ela resolve fazer uma denúncia. Apesar do assédio sexual ser previsto em lei e a mulher ter essa proteção, na prática ela não se exerce. Quando a mulher fala do assédio da empresa existem outras consequências a encarar: medo de perder emprego, perder oportunidades na carreira, deixar de participar de projetos, perder promoções, ficar “queimada” dentro da empresa ou até mesmo de ser demitida e ficar “queimada” no mercado de trabalho”, diz Luíse Bello, gerente de conteúdo e comunidade OLGA.

Para ela, a falta de posicionamento das entidades de jornalismo é “uma omissão que deixa uma mensagem inequívoca de que o mercado de trabalho e as entidades que deveriam

proteger os profissionais, não estão do lado das mulheres, não estão do lado das vítimas”.

Entenda o caso

A repórter do portal iG, cuja identidade é protegida por determinação policial, que denunciou o funkeiro MC Biel por assédio sexual durante uma entrevista, realizada em maio deste ano, foi demitida na última sexta-feira (17/6). Áudio revelado pelo portal, mostra que ela foi chamada de “gostosinha” e ouviu que o cantor “a quebraria no meio”.

Campanha Sem Assédio na imprensa

IMPrensa lançou a campanha [#SemASSÉDIONaimprensa](#). O objetivo é mostrar como repórteres do sexo feminino e masculino estão expostos ao assédio moral e sexual, tentando encontrar ao lado de especialistas e das entidades ligadas à imprensa formas de reduzir/acabar com esse tipo de ação com soluções práticas.

Convidamos jornalistas e comunicadores de todo o Brasil a contar suas histórias, sob anonimato, se assim o desejarem, para que todos possam ficar de olho e ajudar no combate ao assédio à imprensa.

Os interessados podem mandar seus relatos para o e-mail: redacao@portalimprensa.com.br, colocando no assunto: depoimento sem assédio na imprensa. Garantimos que sua identidade e a do assediador serão mantidas em sigilo.

Vanessa Gonçalves

Acesse no site de origem: [Fenaj e grupos feministas repudiam demissão de repórter do iG que denunciou assédio \(Portal Imprensa, 20/06/2016\)](#)